



ORACULA 5.10 (2009)
ISSN: 1807-8222

FRONTEIRAS PERMEÁVEIS E IDENTIDADES NOS CRISTIANISMOS PRIMITIVOS:

**Contribuição da história e da antropologia para o debate
contemporâneo sobre as identidades**

José Luiz Izidoro*

Resumo

As identidades socioculturais, os diálogos culturais e religiosos e as fronteiras étnicas compõem impreterivelmente uma das pautas do debate atual sobre as religiões, as religiosidades, as culturas e as identidades no campo fenomenológico, como também na história das interpretações. Os conceitos definidos como fronteiras étnicas, culturas, histórias, identidades, etnicidades, fluidez e interações tornam compreensíveis os encontros, desencontros, conflitos, assimilações e o intercâmbio entre os sujeitos históricos e socioculturais no processo de formação das identidades, assim como elucidam aqueles elementos que perpassam dinamicamente as genealogias, as geografias, os territórios e os caracteres físico-biológicos e lingüísticos, na constituição da alteridade. Esse processo é também inerente às experiências cristãs primitivas, na dinâmica de mobilização e interação dos povos e das culturas, na configuração de suas identidades, presentes nas narrativas bíblicas.

Palavras-chave: Identidade; Fluidez; Interação: Fronteiras étnicas; Cultura; Etnicidade.

Abstract

The socio-cultural identities, the cultural and religious dialogues and the ethnical boundaries compose unfailingly one of the themes of the current debate about religions,

religiosities, cultures and identities in the phenomenological field, as well as in the history of interpretations. Concepts such as ethnical boundaries, cultures, histories, identities, ethnicities, fluidity and interactions make comprehensible the encounters, divergences, conflicts, assimilation and exchange between historical and sociocultural subjects in the process of identities formation and also elucidate those elements which dynamically pass by the genealogies, geographies, territories and the physio-biological and linguistical characteristics in the constitution on of alterity. This process is also inherent to the primitive Christian experiences, in the dynamics of mobilization and interaction between peoples and cultures, in the configuration of their identities, to presents in the biblical narratives.

Keywords: Identity; Interaction; Fluidity; Ethnic boundaries; Culture; Ethnicity.

Abordagem teórica na perspectiva da pesquisa bíblica

Na perspectiva da pesquisa bíblica, torna-se imprescindível a compreensão dos conceitos de cunho histórico-antropológico inerentes à dinâmica das identidades que interagem no âmbito das culturas nos cristianismos primitivos. A formação e a construção dos textos sagrados são resultados de um processo histórico literário, onde as culturas, etnias, religiões e as sociedades estão presentes pelas representações simbólicas, pelas linguagens, discursos e muitas outras convenções. Exige-se assim a apropriação dos conceitos histórico-antropológicos que dê suporte teórico para o pesquisador exegeta, não excluindo, portanto, outras ferramentas metodológicas inerentes ao olhar científico.

A discussão também é plausível para o debate atual das *identidades*, onde a identidade étnica é ainda um fator urgente das políticas mundiais contemporâneas¹; como o é para a compreensão dos fenômenos constitutivos das dinâmicas de formação das identidades no mundo antigo greco-romano. Mark G. Brett afirma que a questão da interpretação dos ‘cruzamentos culturais’ tem sido discutida em muitas publicações como um assunto global². De acordo com Judith Lieu, a discussão moderna de identidade como

* Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Integrante do Grupo Oracula de Pesquisa em Apocalíptica Judaica e Cristã. Bolsista CAPES. Endereço eletrônico: jeso_nuap@hotmail.com.

¹ BRETT, Mark G. Interpreting Ethnicity: Method, Hermeneutics, Ethics. In: Mark G. Brett (ed.). *Ethnicity and the Bible*. Boston/Leiden: Brill Academic Publishers Inc., 2002, p. 3.

² BRETT, Interpreting Ethnicity. p. 7.

processo de construção é vigente e se aplica também ao mundo greco-romano, onde parentes, história, linguagem, costumes e deuses, supostamente, separam ‘nós’ dos bárbaros; mas também provoca a interação, onde depois, judeus e cristãos estarão engajados nas mesmas estratégias. Isto pode oferecer caminhos a respeito de questões como *unidade e diversidade*, judaísmo *versus* judaísmos, e de como o cristianismo emerge como separado do judaísmo³.

Essa dinâmica também se aplica a outros grupos socioculturais, que na elaboração dos fatores constitutivos da formação de suas identidades, provocam rupturas, resistências, como também se adaptam e assimilam novos sistemas simbólicos cultural-religiosos. Isto se deve a permeabilidade das fronteiras étnicas e a fluidez inerente à dinâmica osmótica. J. Webster faz uso do conceito ‘sincretismo’ para expressar esse processo interacional na antiga religião romano-céltica: “por sincretismo se compreende a interação de dois sistemas de crenças e práticas no desenvolvimento da religião romano-céltica⁴”, onde as comunicações, trocas, conflitos e interações se dão através de paredes porosas e tênues entre as fronteiras.

No horizonte das categorias histórico-culturais presentes nos antigos escritos cristãos, numa perspectiva crítica, situamos a opinião de Gay L. Byron: “autores do cristianismo antigo consideravam os grupos étnicos como um mecanismo polêmico. Eles tinham o objetivo de esclarecer a autodefinição do cristianismo primitivo e o *lugar* dos grupos étnicos no mundo greco-romano que, com o tempo, resultou numa representação idealizada desses povos⁵. Por conseguinte, afirma Byron, os estudos etnocríticos tem geralmente aberto novas janelas para os antigos escritos cristãos. Recentes estudos de identidade étnica, historiografia etnográfica e etnocriticismo provêm de uma base de teóricos para desenvolver uma estrutura teórica para a compreensão do impacto das diferenças étnicas no cristianismo primitivo⁶, considerando que, “a interpretação de Paulo

³ LIEU, Judith. Impregnable Ramparts and Walls of Iron: Boundary and Identity in Early Judaism and Christianity. In: *New Testament Studies* 48 (2002): 297.

⁴ WEBSTER, J. A Negotiated Syncretism: Readings on the Development of Romano-Celtic Religion. In: D. J. Mattingly (ed.). *Dialogues in Roman Imperialism: Power, Discourse, and Discrepant Experience in the Roman Empire*. Journal of Roman Archaeology Supplementary Series, n. 23. International Roman Archaeology Conference Series. Portsmouth, Rhode Island, 1997, p. 165.

⁵ BYRON, Gay L. *Symbolic Blackness and Ethnic Difference in Early Christian Literature*. London/New York: Routledge, 2002, p. 22.

⁶ BYRON, Symbolic Blackness and Ethnic Difference in Early Christian Literature, p. 20-21.

como uma crítica cultural e a exploração de sua visão de comunidade em que ‘não há *Jew* nem *Gentio*’ ainda é uma agenda longamente ‘não alinhada’ pelas escolas paulinas⁷.

Na concepção de Williamson H. G. M., a Bíblia registra uma longa e acalorada discussão sobre como as fronteiras da comunidade Israelense foi construída e mantida⁸, e para Brett, a Bíblia nos apresenta uma série de identidades que interagem socialmente e que dependem do *lugar* onde as pessoas se encontram⁹. Assim como os povos Cananitas, Egípcios, Babilônicos, Persas, Africanos, Judeus, Celtas, Gregos e Romanos, mencionados por Josep Rius-Camps na *lista dos povos*, apresentada em Pentecostes (Atos 2,5-11), que corresponde a uma geografia que entrelaça as nações, povos e culturas¹⁰.

Nesse horizonte, também consideramos as viagens de Paulo, que desde Damasco priorizou a geografia das Diásporas. As quatro viagens missionárias de Paulo dilatam e ampliam a geografia minimizada da comunidade cristã estabelecida em Jerusalém. Esse itinerário supõe um horizonte quilométrico que ultrapassa os limites reconhecidos numa possível mirada do cristianismo palestinese. De Damasco, Arábia a Antioquia; passando por Pafos, Atália e Antioquia de Psídia; de Filipos, Tessalônica, Atenas, Corinto, Efeso, Galácia e Cesaréia; por Creta, Malta, Roma, etc.

Nesse processo de mobilização e interação dos povos e das identidades, torna-se pertinente os conflitos e tensão no âmbito da re-elaboração dos pensamentos e das diversas concepções religiosas, étnicas e socioculturais, provenientes das diversidades dos fenômenos díspares vivenciados no mundo antigo e daquelas nuances identitárias que caracterizam os grupos socioculturais em seu percurso histórico.

De acordo com a concepção de D. J. Mattingly, o ponto crítico para ser apreciado é que a diversidade de comportamentos e compreensões reflete em parte uma série de discursos na sociedade¹¹, que certamente é resultado óbvio das experiências vividas e interpretadas por sujeitos oriundos de complexas e diversificadas cosmovisões, dentro de

⁷ BARCLAY, John M. G. Neither Jew nor Greek: Multiculturalism and the New Perspective on Paul. In: Mark Brett G. (ed.). *Ethnicity and the Bible*. Boston/Leiden: Brill Academic Publishers Inc., 2002, p. 206.

⁸ WILLIAMSON, H. G. M. The Concept of Israel in Transition. In: R. E. Clements (ed.). *The World of Ancient Israel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 141-161.

⁹ BRETT, Interpreting Ethnicity. p. 12.

¹⁰ RIUS-CAMPS, Joseph. *De Jerusalén a Antioquia: Génesis de la Iglesia Cristiana: Comentario Lingüística Exegético a Hcb.1-12*. Córdoba: El Almendro, 1989, p. 72-73

um movimento sincrônico e diacrônico da história. Pois Brett considera que, alguns desses conflitos básicos na teologia bíblica encontram um paralelo nos recentes debates sobre a natureza da ‘etnicidade’¹², que certamente corrobora a idéia de fronteiras fluídas e da rejeição das concepções de cultura e identidade como categorias monolíticas, estáticas e impermeáveis. Portanto, a Bíblia teve e continua tendo influência em muitas culturas e um reconhecimento especializado de suas antigas bibliotecas que leva a uma implicação política e moral¹³, e que outorga à pesquisa bíblica a relevância e pertinência dos estudos socioculturais e das teorias orientadas à análise e aproximação dos fenômenos sócio-antropológicos e de seu campo hermenêutico.

Definição de conceitos e aproximações teóricas

A autodefinição da identidade dos povos e culturas não obedece a critérios estáticos e impermeáveis em seu processo formativo. Para Jonathan Hall, “torna-se um erro assumir que um *material cultural padronizado* possa servir como objetivo ou indicação passiva de *grupos étnicos*”¹⁴. Pois as pessoas possuem múltiplas auto-representações e são identificadas pelas mesmas.

Considerando-se o movimento e dinâmica da história, segundo Marshall Sahlins, esta é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas de significação das coisas, assim como o contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente¹⁵.

De acordo com Christopher D. Stanley, teóricos sociais contemporâneos definem ‘etnicidade’ como uma qualidade fixada e inerente em um grupo de população identificável objetivamente, mas como um aspecto fluido da autodefinição do grupo e indivíduos, que poderão ser ressaltados ou ignorados¹⁶.

¹¹ MATTINGLY, D. J. Dialogues of Power and Experience in the Roman Empire. In: D. J. Mattingly (ed.). *Dialogues in Roman Imperialism*, p. 13.

¹² BRETT, Interpreting Ethnicity. In: Mark G. Brett (ed.), p. 12.

¹³ BRETT, Interpreting Ethnicity. In: Mark G. Brett (ed.), p. 5

¹⁴ HALL, Jonathan M. *Ethnic Identity in Greek Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. 3

¹⁵ SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Trad. Barbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 7.

¹⁶ STANLEY, Christopher D. Neither Jew nor Greek: ethnic conflict in graeco-roman society. In: *Journal for the Study of the New Testament* 19.101 (1997): 110.

Stuart Hall se aproxima da concepção do ‘desenvolvimento das identidades na história’ quando afirma, a partir de uma perspectiva pós-moderna, que o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, alguma vezes contraditórias ou não resolvidas¹⁷.

Também é relevante uma nova compreensão do conceito de história para a compreensão dos fenômenos históricos e dos sujeitos que interagem, para evitar que cataloguemos os grupos socioculturais como estáticos e não suscetíveis de simbioses ou processos de intercâmbios. O processo de interação é necessariamente dinâmico e progressivo. É o processo onde as culturas vivem em recíproca interação sociocultural. Aqui se exige uma compreensão do conceito de história como uma narrativa de sucessos que não necessariamente estejam fundamentados em ‘fatos empiricamente comprovados’. De acordo com Daniel Marguerat, a historiografia não é descritiva, mas re-constitutiva. Ela não alinha os fatos nus, mas unicamente fatos interpretados em função de uma lógica estabelecida pelo historiador. A veracidade, pois, da história não depende da realidade em si, do acontecimento relatado; ela depende da interpretação que ele dá de uma realidade, sempre suscetível, em si, de uma pluralidade de opções interpretativas¹⁸. Para Pedro Paulo A. Funari e Glaydson José da Silva, o passado não é descoberto ou encontrado. É criado e representado pelo historiador como um texto que, por sua vez, é consumido pelo leitor. A idéia de descobrir a verdade na evidência é um conceito modernista do século XIX e não há mais lugar para ela na escrita contemporânea sobre o passado. É necessário abandonar a ilusão da descoberta da verdade única, tudo está por ser interpretado¹⁹.

Os sujeitos articulam-se e interagem nas fronteiras geográficas e étnicas forjando, assim, os elementos que irão determinar e caracterizar as identidades a partir do seu dinamismo histórico, de sua autocompreensão e a identificação pelos de fora do grupo. Fredrik Barth define o *grupo étnico* a partir de sua autoperpetuação biológica, dos valores fundamentais, da comunicação e interação e da auto-identificação pelos de dentro e pelos

¹⁷ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 12.

¹⁸ MARGUERAT, Daniel. *A Primeira História do Cristianismo: os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003, p. 18.

¹⁹ FUNARI Pedro Paulo A.; SILVA, Glaydson José da. *Teoria da História*. São Paulo: Brasiliense, 2008, p. 91-92.

de fora²⁰. Os outros ou ‘os de fora’, com quem se interagem e com quem se é comparado, segundo Barth, produzem as identidades alternativas e colocam as normas que são disponíveis para o indivíduo²¹. Desse modo, tornam-se imprescindíveis a percepção e a compreensão das fronteiras étnicas nos fenômenos de comunicação, interação e auto identificação dos grupos socioculturais. Para Barth, sem ter a capacidade de especificar as fronteiras das culturas, não é possível construir linhas tênues no senso da evolução dos grupos étnicos²².

No horizonte do processo de interação sociocultural entre os grupos humanos, consideram-se as ‘fronteiras étnicas’ como um elemento primordial que caracteriza o movimento das relações e o demarca simbolicamente. Para Judith Lieu, a metáfora de uma *fronteira*, separando ‘nós’ dos ‘outros’, é central para a discussão moderna de *identidades* como construção; ainda que reconhecendo em cada fronteira a existência da articulação de poder e de uma possível permeabilidade²³, num marco de ‘formação das identidades’.

No mesmo horizonte situamos o conceito de etnicidade, que adquire uma conotação fortemente atraente para a história das culturas e para a construção das identidades que interagem entre si. Para Kenton L. Sparks, quando falamos de etnicidade, nós trazemos em nossa visão um gênero particular de sentimento sobre identidade grupal, onde se vê os grupos de indivíduos como sendo iguais ou parecidos, por virtude de sua ancestralidade comum. É notório que a etnicidade tem jogado um importante papel na história do Judaísmo, no período pós-bíblico como também previamente ao mesmo²⁴.

A identidade étnica constrói-se a partir das diferenças e da alteridade que caracterizam os grupos sociais, a partir do processo dinâmico de interação entre fronteiras. Não é o isolamento ou a abdicação à interação com outros grupos sociais que irá criar a consciência de pertença e a identificação do sujeito com o seu grupo, mas sim a comunicação das diferenças das quais os indivíduos se apropriam para estabelecerem fronteiras étnicas. Segundo Kathryn Woodward, as identidades são formadas relativamente

²⁰ BARTH, Fredrik. *Ethnic Groups and Boundaries: the Social Organization of Culture Difference*. Illinois: Waveland Press Inc., 1969 (1998), p. 11.

²¹ BARTH, *Ethnic Groups and Boundaries*, p. 25.

²² BARTH, *Ethnic Groups and Boundaries*, p. 38.

²³ LIEU, Judith. Impregnable Ramparts and Walls of Iron: Boundary and Identity in Early Judaism and Christianity. In: *New Testament Studies* 48 (2002): 297.

²⁴ SPARKS, Kenton L. *Ethnicity and Identity in Ancient Israel: Prolegomena to the Study of Ethnic Sentiments and their Expression in the Hebrew Bible*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1998, p. 1.

a outras identidades, relativamente ao ‘forasteiro’ ou ao ‘outro’, isto é, relativamente ao que ‘não é’, sob a forma de oposições binárias²⁵. Essa concepção de diferença, para Woodward, é fundamental para se compreender o processo de construção cultural das identidades²⁶.

Para Cuche, a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato²⁷. Não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a outra identidade. Identidade e alteridade são ligadas e estão em uma relação dialética. A identificação acompanha a diferenciação²⁸.

A cultura funciona como uma síntese de estabilidade e mudança, de passado e presente, de diacronia e sincronia. Toda mudança prática também é uma reprodução cultural. Toda reprodução da cultura é uma alteração, tanto que, na ação, as categorias pelas quais o mundo atual é orquestrado assimilam um novo conteúdo empírico²⁹.

É no contexto do movimento das culturas e da história que as identidades vão se definindo. A busca do *eu* se realiza dentro do processo dialético da interação sociocultural. Michael A. Meyer denomina esse processo como ‘identidade em formação’; isto é “compreende-se a identidade como uma referência àquelas totalidades de características que os indivíduos acreditam como constitutivos do seu ‘eu’. A identidade individual é construída a partir das identificações pré-adultas das pessoas, com seus valores e padrões comportamentais. Como o indivíduo vem a ser adulto, aquelas identificações serão integradas não apenas com os outros, mas também com as normas da sociedade em que os indivíduos jogam um ‘papel’ ”³⁰.

²⁵ WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes. 2007, p. 49.

²⁶ WOODWARD, Identidade e diferença. In: Tomaz Tadeu da Silva (org.), p. 50.

²⁷ CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 182.

²⁸ CUCHE, *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, p. 183.

²⁹ SAHLINS, *Ilhas de Histórias*, p. 180-181.

³⁰ MEYER, Michael A. *Jewish Identity in the Modern World*. Seattle & London: University of Washington Press, 1990, p. 5.

Para Adam Kuper, identidade não é um assunto pessoal. Ela precisa ser vivida no mundo, num diálogo com outros. É nesse diálogo que a identidade é formada. O eu interior descobre seu lugar no mundo ao participar da identidade de uma coletividade³¹. Ao falarmos de cultura e identidade no plano das relações e interações étnicas, sociais e culturais, estamos considerando essa realidade como uma construção social. E, sendo assim, estamos diante de fenômenos resultantes da polarização e da dialética social presente no dinamismo da história e localizados nos variados âmbitos sociais. Segundo Denys Cuche, “a identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculação a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente”³².

A unidade da identidade acontece na medida em que os sujeitos traçam ou demarcam, de acordo com seus interesses e finalidades, as diferenças, a partir das representações simbólicas que os caracterizam. Para Clifford Geertz, quanto mais as coisas se juntam, mais ficam separadas. As pessoas consideram-se, em determinados momentos e para determinados fins, francesas e não inglesas, indianas e não budistas, Hutu e não Tutsi, latinas e não índias, xiitas e não sunitas, Hopi e não Navajo, negras e não brancas, laranja e não verdes³³. Desse modo, confirma-se, ao conceito de cultura e identidade, seu caráter de fluidez, dinamicidade, polissemia e alteridade.

Segundo Peter Burke, “a tendência a assumir que a troca cultural é sempre um reflexo de tolerância e mente aberta é algo a que os historiadores devem resistir. A identidade cultural é freqüentemente definida por contraste. Não devemos nos esquecer, no entanto, que as culturas são heterogêneas e que diferentes grupos podem reagir de modo muito diverso aos encontros culturais”³⁴. Burke, ao propor em sua obra *Hibridismo cultural*, variedades de objetos, de terminologias, de situações, de reações e de resultados no âmbito das culturas e das sociedades, abre o debate conceitual à antropologia, história das culturas, teologia, ciências das religiões, sociologia, com o objetivo de pautar uma discussão de suma importância para o que é múltiplo, plural, diferente, autônomo, relacional, interacional, híbrido, sincrético e conflitivo nas culturas e povos do mundo.

31 KUPER, Adam. *Cultura: a Visão dos Antropólogos*. Bauru: EDUSC, 2002, p. 298.

32 CUCHE, *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, p. 177.

33 GEERTZ, Clifford. *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 217.

Faz-se notório, nas opiniões de antropólogos, historiadores das culturas e das religiões o consenso a respeito da natureza dos resultados dos encontros, desencontros, trocas e interações entre as culturas, povos, fronteiras étnico-geográficas e identidades. São resultados não unívocos que produzem história, culturas, valores, significados, ressignificações cósmicas e identidades, não obstante seu caráter de violência e tensão. São contribuições histórico-antropológicas que oferecem o suporte teórico para a elaboração ou construção dos fatores identitários que caracterizam os grupos socioculturais como fenômenos e suas interpretações no que concernem aos textos bíblicos. Torna-se um grande desafio abordar tais conceitos na perspectiva da história antiga dos cristianismos primitivos; onde as categorias como identidades e culturas ainda são vistas e compreendidas como um processo estático, sólido, uniforme e impermeável. A definição dos conceitos aqui apresentados possibilita-nos uma compreensão aberta da temática. Os conceitos apontam para categorias histórico-antropológicas de grande relevância e pertinência ao campo das ciências bíblicas.

Análise sócio-histórica e antropológica para a compreensão do processo de construção das identidades no mundo antigo

Na perspectiva que nos propomos para o atual debate conceitual no campo das culturas, das sociedades, como também das religiões e das religiosidades, a antropologia lança novas luzes sobre aquela compreensão de identidades estáticas e caracterizadas pela impermeabilidade e rigidez. Torna-se imprescindível conceber as identidades culturais a partir do dinamismo, da permeabilidade e da fluidez em seu processo de formação e num amplo horizonte de interação e tensão. Assim, nessa perspectiva conceberemos o processo de formação das identidades cristãs no período dos cristianismos primitivos e a interação com todo seu entorno sociocultural, religioso, político e geográfico.

Para Stuart Hall, “a concepção do conceito de identidade aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de mudança

³⁴ BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Unisinos, 2003, p. 79, 85.

e transformação”³⁵. Numa linguagem pós-moderna, de acordo com Hall “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. A identidade é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações então continuamente deslocadas”³⁶.

Há um processo denominado *crise*, que é parte inerente à dinâmica de interação, assimilação e formação das identidades e que, em determinado momentos da história, terá certo grau de harmonia, porém nunca de uniformidade, para o direcionamento de *descontinuidade* para a *continuidade*, segundo o entorno histórico e sociocultural vivenciado. Segundo Meyer, a *crise* ocorre quando há uma profunda *descontinuidade* entre as antigas identificações construídas no contexto familiar e os valores conflitantes dos encontros individuais que se movem mais além da família e dentro da sociedade³⁷. Meyer afirma que a *descontinuidade* era crucial para a compreensão do conflito de identidade, criado nos pontos de encontros entre *jewishness* (“judaicidade”) e *modernidade*. Harmonizar as ideologias aparece como uma tentativa para o estabelecimento da continuidade, relevando os conflitos e as dores³⁸.

Jonathan M. Hall afirma que “o grupo étnico não é um grupo biológico, mas um grupo social, distinto de outras coletividades por sua subscrição, por um mito putativo que partilhar sua descendência e parentesco e por sua associação com um território comum”³⁹. Porém, para M. Hall, essa definição não é suficiente e abrangente para definir ‘identidades primitivas’. Sendo assim, é rejeitada a visão do século XIX de grupo étnico estático, categorias monolíticas com fronteiras impermeáveis, por um modelo menos restritivo que reconhece a dinâmica e a natureza de etnicidade construída situacional e negociadamente⁴⁰.

Os grupos étnicos não são primariamente definidos pela linguagem e sim pela construção discursiva. Os símbolos lingüísticos podem ser ativamente empregados em

³⁵ HALL, Stuart. Quem Precisa de Identidade? In: Tomas Tadeu da SILVA (org.). *Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes. 2007, p. 108.

³⁶ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 12-13.

³⁷ MEYER, Jewish Identity in the Modern World, p. 5.

³⁸ MEYER, Jewish Identity in the Modern World, p. 5-6.

³⁹ HALL, Jonathan M. *Ethnic Identity in Greek Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. 2.

⁴⁰ M. HALL, *Ethnic Identity in Greek Antiquity*, p. 2.

certo tempo como parte da estratégia étnica⁴¹, porém dentro de um contexto situacional e na dinâmica da história. De acordo com Stuart Hall, é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas⁴².

Os conceitos de judaísmo (s) e helenismo (s), como também o de cristianismo (s), no contexto greco-romano na antiguidade, terão que ser concebidos, indubitavelmente, a partir do reconhecimento do dinamismo, da fluidez, do caráter multifacetário e da permeabilidade entre as fronteiras geográficas e socioculturais, na dinâmica da história. Certamente, a partir da apropriação dos conceitos histórico-antropológicos e suas significações no campo das interpretações dos fenômenos e dos acontecimentos históricos. Para mencionar um exemplo de fluidez e permeabilidade entre as fronteiras, *o contexto*, apesar dos conflitos, tensão, continuidade e descontinuidade, no que se refere aos elementos constitutivos das identidades, era muito importante para a formação e o reconhecimento das identidades em Roma antiga, pois, de acordo com Martin Gooldman, “o cidadão podia sentir sua identidade romana de uma maneira forte ou fraca em determinado tempo de suas vidas. Pois, o contexto era crucial”⁴³. Segundo Gooldman, a relação entre Roma e Jerusalém era complicada pelo fato que um *romano* podia ser considerado *judaico* (jewish) e um *judeu* (jew) podia ser considerado *romano*. Paulo, um judeu da cidade de Tarso na Cilícia, pode garantir temporariamente sua inviolabilidade física quando arrestado em Jerusalém, reivindicando seu *status* como um cidadão romano. A identidade romana dependia, em ultimo caso, do reconhecimento como cidadão pelo estado romano⁴⁴.

Ao abordar os conceitos de *judaísmo (s)* e *helenismo (s)*, como também o de *cristianismo (s)* no contexto do mundo antigo, se constata a importância da análise sócio-histórica e antropológica para a compreensão do processo de construção das identidades nos cristianismos primitivos, sua configuração e interpretações, assim como a importância da apropriação dos conceitos histórico-antropológicos para a pesquisa bíblica.

⁴¹ HALL, M. *Ethnic Identity in Greek Antiquity*, p. 3.

⁴² HALL, Stuart. *Quem Precisa da Identidade?* In: Tomaz Tadeu da SILVA (org.), p. 109.

⁴³ GOODMAN, Martin. *Rome and Jerusalem: the Clash of Ancient Civilizations*. London: Penguin Books, 2007, p. 167.

⁴⁴ GOODMAN, *Rome and Jerusalem*, p. 163-164.

Referências bibliográficas

BARTH, Fredrik. *Ethnic Groups and Boundaries: the Social Organization of Culture Difference*. Illinois: Waveland Press Inc., 1969 (1998).

BRETT, Mark G. (ed.). *Ethnicity and the Bible*. Boston/Leiden: Brill Academic Publishers Inc., 2002.

BYRON, Gay L. *Symbolic Blackness and Ethnic Difference in Early Christian Literature*. London/New York: Routledge, 2002.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.

FUNARI, Pedro Paulo A.; SILVA, Glaydson José da. *Teoria da História*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

GEERTZ, Clifford. *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

GOODMAN, Martin. *Rome and Jerusalem: the Clash of Ancient Civilizations*. London: Penguin Books, 2007.

HALL, M. Jonathan. *Ethnic Identity in Greek Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KUPER, Adam. *Cultura: a Visão dos Antropólogos*. Bauru: EDUSC, 2002.

MARGUERAT, Daniel. *A Primeira História do Cristianismo: os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola/Ed. Paulus, 2003.

MATTINGLY, D. J. (ed.). Dialogues in Roman Imperialism: Power, Discourse, and Discrepant Experience in the Roman Empire. In: *Journal of Roman Archaeology Supplementary Series* 23. International Roman Archaeology Conference Series. Portsmouth, Rhode Island, 1997.

MEYER, Michael A. *Jewish Identity in the Modern World*. Seattle & London: University of Washington Press, 1990.110p.

LIEU, Judith. Impregnable Ramparts and Walls of Iron: Boundary and Identity in Early Judaism and Christianity. In: *New Testament Studies* 48 (2002): 297-313.

RIUS-CAMPS, Joseph. *De Jerusalén a Antioquia: Génesis de la Iglesia Cristiana: Comentario Lingüístico Exegético a Hcb.1-12*. Córdoba: El Almendro, 1989.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Trad. Barbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes. 2007.

SPARKS, Kenton L. *Ethnicity and Identity in Ancient Israel: Prolegomena to the Study of Ethnic Sentiments and their Expression in the Hebrew Bible*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 1998.

STANLEY, Christopher D. Neither Jew nor Greek: Ethnic Conflict in Graeco-Roman Society. In: *Journal for the Study of the New Testament* 19.101 (1997).

WILLIAMSON, H. G. M. The Concept of Israel in Transition. In: R. E. Clements (ed.). *The World of Ancient Israel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.